

## **Tornar-se si mesmo**

Ratatouille

Direção: Brad Bird

Eua, 2007

Denise Maia

Diz Hillman em *O Código do Ser* que cada pessoa nasce com uma vocação que a define e a leva para um determinado destino. Há um chamado interno para se trilhar um caminho, guiado por uma imagem que age como um *daimon* pessoal.

Podemos então entender a individuação como “um vir a ser,” onde não há um estado estático mas um processo de se tornar consciente de quem se é, diferenciando-se do coletivo.

As vivências de nosso mundo interior podem ser expressas com simplicidade em imagens de uma estória, como num sonho. As estórias nos sugerem e mostram como vão sendo processados e desenvolvidos os conflitos da existência humana.

Assim, o filme *Ratatouille* fala de Rémy, um rato refinado e sensível que se diferencia de toda sua colônia pelos seus diferentes hábitos e, em especial, por seu refinado paladar. Insatisfeito em seu papel de selecionar, através de seu olfato apurado, as comidas do lixo que eram envenenadas para não serem ingeridas pelo grupo, Rémy parte em busca de seu caminho. Este é um processo que não acontece sem angústias, dúvidas e sofrimento. Como o herói, há tarefas, lutas e conquistas. A figura do herói é representada muitas vezes por um personagem modesto, de procedência humilde, abandonado ou humilhado e desprezado e que, apesar das dificuldades e obstáculos,

evolui. Na estória em questão, Rémy precisa transpor a imagem de um animal sujo e nocivo à saúde que jamais poderia estar numa cozinha.

Inspirado pelo livro escrito por seu mentor Gusteau, famoso chefe de cozinha - *Qualquer um pode cozinhar* - Rémy vive peripécias, sendo primeiro jogado numa aventura trágica através dos canos subterrâneos e depois, num dado momento, levado pelas águas à uma galeria de esgoto, justamente do lado oposto ao cano onde estava seu pai e toda a colônia.

Começa assim uma nova fase na vida de Rémy. Foram muitas dificuldades e desafios; por vezes ele pensou em desistir e deixar acontecer o que parecia ser o caminho natural e esperado, ser simplesmente um rato, como todos.

O mito do herói fala do anseio arquetípico de trilhar caminhos desconhecidos, movidos pela coragem de vencer as adversidades e superar os medos, trazendo a possibilidade da vida criativa e da transformação.

Rémy sozinho, triste e desesperançado, começa a conversar consigo mesmo, ao parar para descansar, logo após a luta com as águas dentro dos canos do esgoto. “Sou um rato e devo re-pensar a minha vida.” Se lembra de que o livro dizia que todos podiam cozinhar e pensou, então, que era preciso ousar, experimentar, criar coisas inusitadas e deixar a alma falar...

Neste momento, Rémy conecta-se com a imagem do chef Gusteau morto, que vai acompanhá-lo durante todo o seu “trajeto gastronômico.” É sua voz interna, que lhe orienta em direção à sua vocação. É o Self que inspira e leva ao diálogo interior.

Quando se torna possível acessar internamente a força de auto-realização e a fantasia criativa, dá-se espaço há um impulso misterioso que emerge das profundezas de cada um e impele a caminhar sem nenhum preparo ou projeto, levando à ampliação dos horizontes conhecidos. Esta tendência inata, natural e espontânea traz um novo sentido e

confere à vida uma finalidade. A busca da totalidade é o desejo arquetípico de realização do próprio destino.

Retornando ao filme *Ratatouille* observamos a trajetória de Rémy que após chegar ao restaurante de Gusteau, orientado por ele, vive uma parceria com o desajeitado aprendiz de cozinha, Linguine. Enquanto Rémy luta em busca de uma necessidade interna, consciente de seu sofrimento e de sua escolha solitária e arriscada, Linguine não tem consciência de quem é, do que deseja ou de que meta vai perseguir.

Este é um encontro que pode conduzir à transformação. Um parceiro precisa do outro para realizar a totalidade. A parte mais consciente auxilia a outra ainda indiferenciada a se desenvolver e a integrar aspectos importantes.

Outras mudanças vão também sendo observadas em outros personagens, como Colette, assistente de cozinha, vai assumindo o papel feminino da anima de Linguine, apaixonando-se por ele. Rémy consegue se tornar “o pequeno grande chef” conquistando inclusive o autoritário e arrogante crítico gastronômico “Anton Ego.”

O prazer de degustar o saboroso prato *ratatouille*, proporciona aos sentidos do crítico uma viagem através do tempo, mobilizando-lhe sensações e remetendo-lhe aos cuidados maternos e à memória de sua doce infância, o que lhe provoca profundas mudanças.

Rémy realiza seus desejos e encontra seu lugar frente ao novo restaurante *ratatouille*. O caminho da individuação e da vida criativa exige de cada um a fidelidade a si mesmo e o compromisso com a própria vida, valorizando a capacidade do indivíduo de se perceber em suas singularidades e as desenvolver.

E assim o fez Rémy...

**Denise Maia** é psicóloga, membro analista do Instituto Junguiano de São Paulo (IJUSP) e da Associação Junguiana do Brasil (AJB).